

**A GEOGRAFIA E SUAS HISTÓRIAS FASCINANTES – A EXPERIÊNCIA
TEÓRICO-PRÁTICA DE UMA VIDA: uma entrevista com a Profa. Dra.**

Marilena Lima de Oliveira Griesinger

PET Geografia

Revista OBSERVATORIUM: *Como era a Geografia em Uberlândia nos anos 1980?*

Marilena Griesinger: Cheguei a Uberlândia em 1980, quando ainda cursava o mestrado em Rio Claro, SP. A Geografia era ainda parte do curso de Licenciatura em Estudos Sociais. Aquela época foi muito interessante porque nós discutíamos a criação de um curso específico de Geografia, de um departamento próprio, e desde o início pensávamos em ter um curso de Licenciatura e Bacharelado. Os professores não tinham pós-graduação, mas vários de nós estávamos envolvidos em programas de mestrado fora de Uberlândia. Tínhamos a oportunidade de pensar e propor um curso de Geografia da forma que acreditávamos, onde a pesquisa estivesse presente.

RO: *Fale sobre a sua opção por uma abordagem na pesquisa e ensino da Geografia.*

MG: Em Rio Claro, tive uma formação baseada na Geografia Tradicional onde as disciplinas eram separadas em Geografia Física, Humana e Regional. Assim é que aprendíamos a Geografia, mas tínhamos muitos trabalhos de campo onde os professores faziam a integração das abordagens. E foi a possibilidade de integração dos enfoques da Geografia e a sua aplicação em trabalhos práticos que me atraíram. Mais do que uma opção particular, tenho a convicção de que nós, que tivemos o privilégio de chegar ao curso superior num país de tão grandes desigualdades sociais, temos o dever de contribuir com o nosso conhecimento geográfico para melhorar a qualidade de vida do local e da comunidade em que estamos inseridos. Em Uberlândia, percebi que havia muito pouco conhecimento sobre a realidade local. Nosso colega Irineu Siegler foi o primeiro a terminar o mestrado, com um trabalho sobre a avifauna da área urbana, no qual ele chamou a atenção para a importância das áreas verdes na cidade, que já apresentava um ritmo acelerado de crescimento. Isso era tudo o que tínhamos sobre

Uberlândia! Resolvi mudar meu plano de pesquisa de mestrado, que seria em Rio Claro, para o município de Uberlândia. Não havia nem mapeamento básico da região, contávamos apenas com as cartas topográficas do IBGE. Eu saía a campo com meus filhos pequenos dentro do carro, geralmente nos fins de semana, pelas estradas vicinais do município para familiarizar-me com essa nova paisagem e com a realidade da zona rural. Durante minha graduação, eu havia trabalhado como bolsista de iniciação científica no mapeamento do uso agrícola do solo no estado de São Paulo e pensei em trabalhar com este tema aqui. E foi assim que conheci o Cerrado em suas diferentes fisionomias: as veredas, os córregos, os campos de murundus aqui chamados de “covoais”. Fiz o mapeamento da cobertura vegetal do município de Uberlândia usando fotografias aéreas na escala de 1:25.000, antes que tivéssemos acesso a imagens de satélite, o que significava muito campo, com muita riqueza de detalhe. Era uma abordagem que partia do detalhe para o geral. O enfoque era muito diferente do que temos hoje com os mapeamentos rápidos a partir do geoprocessamento.

RO: *Fale sobre a escolha do tema de pesquisa*

MG: Nos anos 70 comecei a ter consciência da problemática ambiental, especialmente depois da reunião de Estocolmo em 72. Por isso eu quis unir o estudo do uso agrícola do solo com a problemática do desmatamento e dos recursos hídricos, e assim me interessei pela Biogeografia. Ao mapear as transformações no uso agrícola do solo, me preocupava com a diminuição dos remanescentes da vegetação natural, com a invasão dos campos úmidos e veredas. Isso me deu oportunidade de observar as variações no solo, na topografia, e ver como isso se refletia na espacialização dos diferentes tipos de atividade agrícola praticados no município, a conexão entre a nascente modernização agrícola do Cerrado e os chapadões, tão pouco estudados e conhecidos por serem terras de baixa fertilidade natural e baixo valor econômico. Assim, comecei a praticar uma geografia que não podia ser rotulada nem de física e nem de humana, pois estava interessada justamente na interação dos elementos físicos e socioeconômicos. Naquela época, como estávamos todos iniciando no campo da pesquisa, buscávamos apoio uns nos outros, pois os colegas vinham com formações e informações diferentes. Essa

integração entre as áreas do conhecimento geográfico marcou muito minha forma de ensinar e praticar a Geografia. Gosto de lembrar que tanto na defesa do meu mestrado, como no doutorado, tive bancas multidisciplinares por abordar aspectos de natureza física e do desenvolvimento socioeconômico.

RO: *Fale acerca das suas pesquisas sobre o Uberabinha.*

MG: A opção pelo Uberabinha veio no doutorado como uma consequência natural da minha preferência pela geografia aplicada. Conhecendo de perto o processo de modernização agrícola baseado na mecanização e uso intensivo de agroquímicos, era natural que eu me preocupasse com a bacia hidrográfica responsável pelo abastecimento público urbano de Uberlândia, com a qualidade da água que aqui consumimos.

Estudar o Uberabinha foi uma oportunidade interessante de conexão com a comunidade fora do mundo acadêmico. Nosso colega Ireneu Siegler havia sido o primeiro Secretário Municipal de Meio Ambiente de Uberlândia, cuja secretaria fora criada no primeiro mandato do prefeito Zaire Rezende. O prefeito que assumiu o mandato a seguir resolveu fechar essa secretaria dizendo que meio ambiente era assunto supérfluo e “coisa de desocupado”. Alguns professores da Geografia imediatamente se mobilizaram junto à sociedade civil organizada e, em 2 dias, o prefeito recebeu 300 telegramas (naquela época não havia internet), vindos de diferentes lugares do Brasil, protestando contra a atitude do prefeito. O constrangimento foi tal que a Secretaria foi mantida, embora politicamente tenha sido bastante “esvaziada”. Mas daí surgiu o movimento chamado SOS Meio Ambiente, cuja bandeira de luta era o Rio Uberabinha, e no qual vários professores e alunos da Geografia tiveram importante participação. Promovemos campanhas de sensibilização da população local sobre o Uberabinha, que, no seu percurso urbano, era então um canal de esgoto malcheiroso, com entulhos e lixo em suas margens degradadas. Fizemos uma passeata com 300 pessoas caminhando com cartazes do centro da cidade até as margens do rio para um abraço simbólico. Tínhamos uma vinheta na TV com o tema: “Uberabinha, o rio que passa dentro de nós”. Recebemos na cidade personalidades como Fernando Gabeira; propusemos e defendemos na Câmara Municipal a inclusão do Capítulo sobre Meio Ambiente na lei

Orgânica promulgada em 1988, com o respaldo de duas mil assinaturas. O Departamento de Geografia tinha ao seu lado ativista e, assim, nos tornamos conhecidos e respeitados na cidade. Dávamos nossas aulas e fazíamos nossas pesquisas, mas também queríamos influir na qualidade de vida de nossa cidade. É muito bom vermos hoje que o Uberabinha e os córregos urbanos estão mais limpos; que há muito mais verde na área urbana do que em décadas passadas; que a prefeitura assimilou a idéia dos parques lineares que tanto defendemos em dezenas de trabalhos acadêmicos realizados por professores e alunos da Geografia. Mas ainda há muito a fazer em nosso cenário ambiental urbano e rural.

RO: *Conte-nos um pouco sobre a sua experiência no exterior.*

MG: Tive duas experiências mais longas no exterior: a primeira, logo depois da graduação em 1970, e a outra, no final de 1999. Na primeira vez, eu era recém-formada e saí para o exílio. Foi uma saída não planejada, mas tive a sorte de ser selecionada para trabalhar numa organização sem fins lucrativos na cidade de Berkeley, na Califórnia. O escritório fica ao lado do *campus* da UC Berkeley, mas eu não podia fazer minha pós-graduação, pois mesmo as universidades públicas são extremamente caras para estudantes estrangeiros. Procurei o professor Steinberg, responsável pela disciplina Amazônia e ele me aceitou como aluna ouvinte e me apresentou a outros professores que me facilitaram a participação em trabalhos de campo e seminários. Assim conheci regiões sísmicas junto à grande falha de San Andreas, a agricultura irrigada da Califórnia e a Serra Nevada. Nos trabalhos de campo, acampávamos à noite em volta de uma fogueira; de manhã, o professor fazia um lauto *breakfast* com ovos e bacon numa enorme frigideira sobre a própria fogueira e, de lá, partíamos para longas caminhadas e entrevistas com agricultores, numa paisagem totalmente nova para mim. Nunca íamos apenas visitar os lugares, mas sempre tínhamos tarefas a cumprir e aprendíamos muito. Na segunda saída para o exterior, agora por motivos familiares, já fui como profissional, doutora em Geografia. Fui procurar trabalho em diversas universidades, só que nos Estados Unidos mesmo as instituições públicas dependem muito da iniciativa privada para financiamento das pesquisas. Neste caso, me diziam que eu seria bem-vinda desde

que trouxesse os recursos, coisa que, como estrangeira, sem conexões pré-estabelecidas, seria muito difícil conseguir. Senti que no exterior cada professor tem seu grupo segregado de trabalho, criado a partir de um objeto ou eixo de pesquisa, modelo que hoje vejo reproduzido aqui no Instituto de Geografia. Quem não constrói seu nicho de trabalho com seu tema, seus alunos e seus recursos de projetos, e cria seu próprio espaço chamado de “laboratório”, é excluído ou marginalizado. As atividades didáticas são pouco valorizadas, o bom aluno é aquele que consegue vencer a competição e entrar para um grupo como bolsista. Acho que isso traz algumas distorções graves e pode marginalizar ou desmotivar alunos que poderiam vir a ser excelentes profissionais.

Mas, no período em que passei em Washington D.C., tive a oportunidade de trabalhar como consultora na Divisão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Organização Pan-Americana de Saúde, com a incumbência de redigir um projeto envolvendo 8 países (7 da América Central continental mais o México), solicitando recursos do Fundo Mundial para o Meio Ambiente (GEF), para o controle da malária nesses países, sem o uso de DDT. Foi um grande desafio profissional para mim e uma experiência incrível, que felizmente resultou, depois de um processo de 3 anos de negociações, na aprovação do projeto com um orçamento de treze milhões de dólares. Depois disso, meu marido foi transferido para a Bolívia, onde fiquei por três anos sem atuar na Geografia.

RO: *Ainda sobre sua volta, qual a sua impressão sobre a cidade de Uberlândia?*

MG: Uberlândia sempre foi uma cidade desenvolvimentista, com uma elite econômica forte, de origem rural, mas com forte influência do capital ligado a interesses imobiliários. O retorno a esta cidade, depois de nove anos de ausência, confirmou essa percepção de uma cidade com uma dinâmica econômica muito forte. A cidade mudou muito, tanto para melhor, como para problemas que se agravaram, como a violência urbana e problemas ligados às drogas ilícitas. O impacto positivo que vejo são as marcas deixadas pelos profissionais de Geografia na organização e administração da cidade de Uberlândia. É muito prazeroso ver a quantidade de ex-alunos que hoje atuam nos mais variados setores da administração pública, em empresas de consultoria e

ONGs. Vemos reflexos de idéias e trabalhos desenvolvidos por profissionais e alunos do Instituto de Geografia nas áreas verdes urbanas, no sistema de transportes, nas atividades culturais. Podemos dizer que a Geografia está consolidada em Uberlândia, é conhecida e respeitada tanto no âmbito da UFU, como da cidade. Mas ainda há muito por fazer. A cidade e o município podem e merecem ter uma qualidade ambiental muito melhor, cuidar melhor dos seus recursos naturais. Os parques lineares devem cumprir sua função social e ambiental de forma democrática, participativa e não excludente. É preciso criar conexões entre os fragmentos de vegetação existentes, estabelecendo corredores de biodiversidade. A gestão dos recursos hídricos caminhou muito com a implantação dos comitês de bacia hidrográfica, que, desde o nascedouro, tiveram a participação ativa de professores do IG. Considero de suma importância a atuação da universidade além dos muros dos *campi*.

RO: *Após a aposentadoria, quais as suas perspectivas?*

MG: Gostei muito da minha trajetória acadêmica. Creio que tive experiências muito ricas. Mas agora tenho a intenção de me dedicar mais à família ao mesmo tempo em que pretendo colocar em prática aquilo que aprendi na teoria. Quero trabalhar direto com a terra, recompor mata ciliar, recuperar nascentes e controlar voçoroca. Meu desejo é poder experimentar, agora numa situação doméstica, a prática que sempre busquei ao fazer Geografia.